



O boné do MST na cabeça presidencial: uma leitura semiótica

Paula Reis Melo*

Por que o ato de o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva usar o boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – em reunião com os seus integrantes, em julho de 2003, teve tanta repercussão na mídia? Seguindo a perspectiva da semiótica triádica de Peirce, este artigo analisa o efeito semiótico do signo, tendo como material empírico notícias, comentários e editoriais da imprensa brasileira. O trabalho mostra que a geração de tantos efeitos de sentido se deve a sua dimensão icônico-indicial inserida na dimensão simbólica, pois o julgamento do comportamento do presidente se deve mais ao sentido geral que o ato conferiu ao MST, de reconhecimento deste como interlocutor ou ator legítimo. Como normalmente aparece na imprensa como “marginal”, a cordialidade do governo contrastou com esse significado habitual, dando-lhe um novo sentido.

Palavras-chave: semiótica, efeito de sentido, MST.

Why did the act of President Luiz Inácio Lula da Silva of wearing a cap of the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST (Landless Movement) –, in an official meeting with its members, in July 2003, cause so much repercussion in the media? This article analyses, from Pierce's triadic semiotic perspective, the semiotic effect of the sign, using news, commentaries and editorials of Brazilian media as empiric material. This paper shows that the generation of many meaning effects occurs because of its index-iconic dimension inside the symbolic dimension, for the judgment of the president's behavior has to do with the general meaning given to MST, this one being recognized as a legitimate interlocutor or actor. As MST usually is shown in press as “marginal”, the government cordiality contrasted with this habitual meaning, giving a new meaning to the movement.

¿Por qué el acto del Presidente de la República Luiz Inácio Lula da Silva vestir el gorro del Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – en reunión con sus integrantes, en julio de 2003, tuvo tanta repercusión en los medios de comunicación? Siguiendo la perspectiva de la Semiótica Triádica de Peirce, este artículo analiza el efecto semiótico del signo, teniendo como material empírico noticias, comentarios y editoriales de la prensa brasileira. El trabajo muestra que la generación de tantos efectos de sentido se debe a su dimensión icônico-indicial inserta en la dimensión simbólica, pues el juicio sobre el comportamiento del presidente se debe más al sentido general que el acto concedió al MST, de reconocimiento de éste como interlocutor o actor legítimo. Como normalmente aparece en la prensa como “marginal”, la cordialidad del gobierno contrastó con ese significado habitual, dándole un nuevo sentido.

Keywords: semiotic, meaning effects, MST.

Palabras claves: semiótica, efecto de sentido, MST.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).





Introdução¹

Tal qual o espanto da famosa frase *O rei está nu!*, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi flagrado com um boné do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST – sobre a cabeça. Ao longo de sua vida, como metalúrgico, sindicalista, nunca ninguém reparou os inúmeros bonés que usou, porém, em dois de julho de 2003, como Presidente da República, num ato de cordialidade, colocou o boné do MST na cabeça ao receber os seus integrantes no Palácio do Planalto. Esse fato aparentemente simples teve grande repercussão na mídia, evidentemente pelo contexto político do qual foi revestido. Quatro meses depois, o presidente Lula comentou:

A gente está aqui reunido, mas tem gente que não gosta. Vocês viram a confusão que deu quando eu coloquei o chapéu dos sem-terra na cabeça, como se fosse a primeira vez na vida. Eu coloco o chapéu dos sem-terra, da Contag, da CUT, de todos os movimentos pelo menos há 20 anos (Lula..., 2003).

Quase um desabafo, esse comentário fez parte de um discurso para cerca de 4.000 trabalhadores sem-terra em novembro de 2003, em Brasília, e traz a marca, e por que não dizer, o receio, da repercussão do seu ato em 02 de julho de 2003.

Intensamente midiaticizado durante o mês de julho, explorado pelos jornais (que estão sempre em busca de fatos, atitudes, situações que gerem impacto) que ecoaram a reação da oposição, os argumentos da defesa, enfim, toda a polêmica que se instalou em torno do seu significado, o ato de o presidente botar o boné do MST pode ser considerado o signo ou representamen nesta análise.

Tomo como referência a semiótica triádica de Peirce. Sua Teoria Geral dos Signos estuda o processo de semiose, ou seja, o crescimento dos signos gerando interpretantes, que se tornam signos e assim sucessiva e infinitamente. Como explica Ransdell (s/d, p. 15), os signos contêm experiências de significado produzidas por eles mesmos, daí que uma interpretação de um signo por alguém depende mais do signo do que do ato de interpretação. A ação do signo diz respeito ao crescimento dele através da geração de interpretantes.

Guiada por essa teoria, busco descrever a ação do signo, isto é, a geração de interpretantes. Através da abordagem semiótica, tomo o ato do presidente Lula, um fato do mundo real, como o signo, questionando acerca da geração de tantos interpretantes. Não cabe aqui questionar se o presi-

¹ O presente trabalho faz parte da minha pesquisa do doutorado na Unisinos, que é realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Agradeço ao Prof. Dr. Fernando Andacht que fez comentários sobre uma versão preliminar.





dente deveria ou não ter agido daquela maneira, pois o objeto dinâmico do signo é o acontecimento em si, o real e, como tal, é irreversível. O objeto dinâmico está fora do signo e o determina (Santaella, 1992, p. 189), é o fato como aconteceu com as características sócio-históricas do momento. Assim, enquanto intérprete e pesquisadora, tenho como objetivo investigar o crescimento desse signo icônico-indicial. Indicial porque remete a uma experiência concreta, isto é, constitui uma prova da existência de uma ocorrência; e icônico porque expressa uma qualidade, um sentimento possível em torno do fato.

Numa tentativa de exercitar a abdução, levanto a hipótese de que o signo em questão gerou diversos interpretantes devido a sua dimensão icônico-indicial: o ato de o presidente Lula colocar o boné do MST chocou determinadas facções políticas porque evidenciou um *tratamento diferente do esperado*, gerando a polêmica que, por sua vez, se reverte no crescimento hiperbólico do signo. Como se verá, a dimensão simbólica também faz parte do signo, porém, neste caso, serve de suporte para a dimensão principal: a icônico-indicial.

A que *tratamento diferente do esperado* me refiro? O MST foi recebido pelo presidente no Palácio do Planalto – ambiente oficial do Poder Executivo, o que significa, portanto, uma reunião formal e, no entanto, o presidente ofereceu biscoito na boca dos seus integrantes, e o boné – símbolo da identidade do MST – acabou sendo valorizado, ou, no mínimo, reconhecido, ao vestir a cabeça presidencial. Esse encontro demonstra que o MST foi tratado pelo governo como um ator político e social igual a qualquer outro da sociedade brasileira, diferentemente do que esperariam determinados setores que percebem o MST como “marginal”.

O ato de o presidente Lula colocar o boné pôs o MST em conexão direta com o poder político – o Presidente da República –, transferindo-o para um outro lugar, pois não foi uma simples reunião de reivindicação como tantas outras que já ocorreram entre o chefe de Estado e o MST. Assim, a força reveladora desse signo espetacular evidenciou muito mais do que um movimento social “marginal”²: é como se o governo tivesse dado legitimidade ao MST ao reconhecê-lo enquanto um interlocutor dentre aqueles implicados na reforma agrária.

Este artigo se baseia no comentário de Franklin Martins, do Jornal Nacional (TV Globo) que foi ao ar no dia 03 de julho, nos textos publicados pela Folha Online e nos editoriais das quatro revistas semanais e suas respectivas matérias: Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital. A título de ilustração da força do signo, a Folha Online publicou, no período de 02 de julho a 22 de novembro de 2003, 43 textos que se referiram direta ou

² Conforme aparece na imprensa, devido a suas ações de impacto: ocupações/invasões de terra, de sedes do Incra, em que ocorrem conflitos com a polícia, entre outros. Sobre as relações imprensa/MST, ver o estudo sobre o jornal Zero Hora de Berger (1998).





indiretamente ao ato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva botar o boné do MST.

Para analisar o signo em questão, realizei uma primeira leitura dos materiais para identificar os interpretantes dinâmicos. Esse termo se refere aos efeitos de sentido produzidos no intérprete pelo signo, que podem ser divididos em: emocional, quando produz uma qualidade de sentimento; energético, decorrente da ação física ou psíquica, um embate entre o signo e a mente; e lógico, que diz respeito a uma regra de interpretação (Santaella, 1992, p. 196-197). A importância de identificar os interpretantes dinâmicos – uma quantidade imensa – é me cercar dos efeitos provocados pelo signo para melhor conhecê-lo. Posteriormente, procedi a uma interpretação mais minuciosa na busca de respostas para as seguintes perguntas: por que esse signo gerou tantos interpretantes? Por que foi tão explorado na/pela mídia e considerado tão espetacular? Por que gerou esses efeitos de sentido? Como estas perguntas, trilhei um caminho que me possibilitasse perseguir o processo de semiose de forma apurada, na tentativa de ler além das aparências. Assim, a identificação dos interpretantes dinâmicos serviu como portas para acessar a ação do signo.

A deflagração do signo

A matéria que deflagra o signo primeiro, ao qual todos os outros se reportam, ou melhor, de que são interpretantes, destaca a reunião do presidente Lula com os integrantes do MST pelo seu *contraste* com o clima de tensão daquele período. Este contraste é o gancho jornalístico da notícia publicada ainda no mesmo dia do encontro, em 02 de julho de 2003, pela Folha Online, às 12h55:

Ao contrário da tensão em diversos pontos do país, o encontro do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva transcorreu em clima amistoso na manhã de hoje. Lula chegou a colocar um boné com o logotipo do MST e deu biscoito na boca de dois integrantes do movimento (Freire, 2003, grifos nossos).

Neste primeiro parágrafo da matéria, são marcantes as propriedades icônicas e indiciais uma vez que demonstra a qualidade de *clima amistoso* da reunião. A matéria descreve duas ações do presidente como prova do encontro amigável: ao colocar o boné do MST e ao dar biscoito na boca de dois integrantes do Movimento. O agrado, de ambos os lados, indica ter havido uma atmosfera de cordialidade, conforme segue o texto da matéria:





Além dos biscoitos, a comitiva de 29 trabalhadores rurais presenteou o presidente com geléia e uma bola de futebol, produzidos em assentamentos. A bola, aliás, foi usada por um integrante do movimento para elogiar Lula. “Estamos entregando uma bola cheia porque o senhor [Lula] está com a bola cheia e temos que aproveitar este momento para escalar o time da reforma agrária. Vamos colocar o senhor como centroavante e pela esquerda o ministro [Miguel Rossetto, Desenvolvimento Agrário]. Não sei, pelo aspecto político, pela direita o Palocci [Antonio, ministro da Fazenda]”, disse um dos integrantes da comitiva, Egídio Bruneto. Na sequência, o sem-terra arrancou risos dos presentes ao dizer que o ministro da Casa Civil, José Dirceu, “jogaria pela meia esquerda”. A brincadeira agradou a Dirceu, que o aplaudiu.

O texto sugere que, além de o presidente ter procurado agradar aos membros do MST, a recíproca também ocorreu com a oferta dos presentes – biscoitos, geléia, boné e bola de futebol – e, especialmente, com um elogio ao presidente de que *está com a bola cheia* por um dos membros da comitiva do Movimento, Egídio Bruneto. Essa metáfora relacionada com o jogo de futebol é uma forma de lembrar a reivindicação, de que o presidente teria condições de “formar o time” e “dar início à partida”, ou seja, encaminhar a reforma agrária. Foi uma maneira sedutora, pois, em princípio, há sempre uma disponibilidade em relação ao futebol, considerado uma paixão nacional no Brasil. Andacht (1996, p. 33) comenta que, no Uruguai, apesar dos resultados instáveis em nível internacional, o futebol segue sendo uma “*imagen entrañable, querida, una suerte de solvente universal de discrepancias, y un aglutinador de deseos y sueños colectivos*”. É o mesmo caso, por isso, tão forte a imagem de “escalar o time”.

Importante observar que, mesmo sem ter visto a fotografia do encontro, é possível que o leitor possa “visualizar” a cena, isto é, formar a imagem do momento amistoso e descontraído que os protagonistas vivenciaram. Esta é propriamente a capacidade do signo icônico, trazer à tona a qualidade absoluta do signo que, nesse caso, é o *clima amistoso* da reunião. O título evidencia: *Em encontro amistoso, MST diz que Lula está com a “bola cheia”*. A última parte da matéria volta a enfatizar o contraste com o clima de tensão:

O clima do encontro de hoje contrasta com a tensão vivenciada nos últimos dias no campo. Ontem, por exemplo, lavradores ligados ao MST desviaram quatro caminhões de uma rodovia estadual em Pernambuco, tomaram quatro pessoas como reféns e saquearam pelo menos um dos veículos, que transportava biscoito e macarrão.

Aqui os fatos são arrolados como prova do clima de tensão. De natureza indicial, esse trecho reaviva o momento, como se dissesse: “os fatos estão aí para quem quiser ver...”.

Deflagrado o signo, passo à discussão do interpretante imediato.





A potencialidade do signo ou os interpretantes imediatos

Mas o que pode significar esse ato então? Nesta seção, discuto o interpretante imediato, isto é, o leque de interpretabilidade do signo (Ransdell, s/d, p. 4), as possibilidades de leitura que o signo icônico-indicial acima referido contém.

No nível da qualidade de sentimento, é possível que a ala dos ruralistas e opositoristas ao governo Lula interprete o ato como conivência e apoio ao MST, uma vez que o presidente recebeu os integrantes de forma amistosa. “O presidente está a favor do MST” pode ser uma interpretação, exatamente porque colocou o boné do movimento. O que significa usar o boné? A leitura pode ser feita igualmente como na expressão metafórica “vestir a camisa”, que significa assumir a idéia, comprometer-se com a causa e atuar a seu favor.

Para essa ala, o presidente estaria sendo mais do que condescendente, pois sua atitude teria sido mesmo um patrocínio das ações do Movimento de ocupar terras, bloquear estradas etc. já que este era o contexto, o acirramento dos conflitos no campo.

De forma similar, os militantes e simpatizantes do MST podem interpretar que o presidente os apóia e que foi um gesto de simpatia. O sinal de que estaria disposto a realizar a reforma agrária teria sido a *cumplicidade – deu biscoitos na boca de dois integrantes* e botou o boné do MST.

Já as pessoas descrentes no presidente podem pensar: “Isso é só jogo político, Lula quer é estar de bem com todos. Esta foi uma atitude populista”. A possibilidade dessa interpretação advém do fato de que, a despeito de o presidente ter colocado o boné do MST, a reforma agrária está parada, ou anda a passos lentos, tanto que as manifestações públicas dos movimentos sociais são intensas nos últimos dias para chamar a atenção. Dessa forma, o signo tem a potencialidade de ser lido assim: “como não vai fazer a reforma agrária mesmo, Lula foi inteligente para não bater de frente com os integrantes do Movimento. No fundo, não há nenhum compromisso com essa atitude. Ele tapeou os bestas.” Nessa interpretação, o ato do chefe de estado seria visto como uma atitude demagógica, de modo que essa possibilidade de interpretação tem um sentido pejorativo.

Diferente do caráter demagógico do ato, o signo também fornece elementos que tenderiam a uma interpretação de que aquele foi um gesto popular, de simplicidade, como uma admiração: “imagine o presidente se aproximar tanto assim do povo, a ponto de usar o boné do MST”, poderia ser o raciocínio. Isso remeteria a uma imagem de presidente popular, homem do povo que pertence à gente comum, a pessoas simples sem muita instrução, que fica junto e é afetuoso e agradável com o povo, conforme o significado do verbete “popular” no dicionário Houaiss (2001). Nesse sentido, seria uma atitude de um presidente simpático, carismático, que quebra as barreiras da formalidade para se aproximar do povo, do homem comum.





Do ponto de vista da representação, o interpretante imediato tem a potencialidade de ser interpretado como um erro diplomático de que o presidente, ao colocar o boné do MST, estaria tomando partido, quebrando a ritualística do que deve ser o comportamento de um Presidente da República, de “presidente de todos”, portanto “não deve nem pode demonstrar preferências por quaisquer grupos”. O papel social que caberia ao presidente ou o comportamento esperado pelo público seria o de receber a todos igualmente e ouvir as reivindicações, e não se “engajar” com nenhum grupo. “Ele não pode fazer isso”, poderia ser o raciocínio baseado em regras de interpretação a respeito de como deve se portar um presidente, mantendo, assim, um afastamento ideal.

Há um leque delimitado pelo objeto de possibilidades de interpretação dentre esses pólos de interpretabilidade. Esses seriam a tendência mais geral no contexto desse signo icônico-indicial que causou tanto polêmica. A seguir, passo a investigar os interpretantes dinâmicos que surgiram a respeito do signo.

Os conflitos gerados pelo signo ou os interpretantes dinâmicos

É preciso explicar o contexto discursivo do signo para que se possa entender os diversos interpretantes dinâmicos que surgiram em torno dele. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tinha sete meses de governo e, como novo governo, propunha-se diferente do de oito anos que o antecederam. A população vivia grande expectativa, pois depositara muita esperança na sua candidatura, que conseguira reunir uma base aliada de correntes políticas heterogêneas. A crença era de que os frutos do seu mandato apareceriam tão logo o presidente “arrumasse a casa”.

O MST, que tinha cessado temporariamente as manifestações no início do governo Lula, havia dado sinais de cobrança pela reforma agrária em março, com ações realizadas em algumas cidades do país nos prédios do Incra. E em julho, passados sete meses do novo governo, voltava a pressionar intensamente com ocupações de terra em diversos pontos do país, saques de caminhões de mercadorias, bloqueio de estradas, ocupação de prédios públicos e de pedágios. Em resposta às invasões, os proprietários rurais montavam milícias particulares para proteger suas terras, gerando um clima de tensão permanente. Da parte do governo, desde maio, acontecia a distribuição de cestas básicas do Programa Fome Zero e, em julho, era intensificada a doação das cestas para as famílias acampadas, devido à “insegurança alimentar”. A reforma agrária seguia vagarosamente e esbarrava na falta de recursos do governo para que fosse encaminhada.

Diante desse contexto, houve uma ebulição de interpretantes dinâmicos. A Confederação Nacional de Agricultura – CNA – que tem interesses





diversos do MST, fez duras críticas ao comportamento do chefe de Estado. Conforme a matéria da Folha Online (Maschio, 2003), o presidente da CNA, Antônio Ernesto de Salvo, disse *ter ficado “frustrado com a postura amistosa”* do presidente Lula, e *o que mais o irritou foi o presidente ter colocado na cabeça um boné do movimento*. O interpretante dinâmico é do tipo emocional, pois a sensação de ficar frustrado se deve ao sentimento ter sido provocado pelo signo. A matéria segue com a opinião do representante da CNA:

Colocar o boné na cabeça foi uma atitude servil, não à altura de um presidente da República”, disse Salvo. Segundo ele, não “se trata de discutir o mérito do que foi apresentado, mas a maneira como se desenrolou o evento, com o presidente da República recebendo um grupo de pessoas que está quebrando, sucessivamente, o Estado de Direito, com saques, ataques a prédios públicos e invasões (Maschio, 2003).

O trecho acima é muito rico em termos de interpretante dinâmico. A expressão *atitude servil* é um interpretante lógico porque é uma definição do fato, baseado numa regra de interpretação do que representa o cargo de Presidente da República. Chamo a atenção para a parte que diz: “não se trata de discutir o mérito do que foi apresentado, mas a maneira como se desenrolou o evento [...]”. É a *maneira* que é criticada, exatamente o que foi enfocado pelo representamen o seu objeto imediato. Este está dentro do signo: “é o modo peculiar como o objeto dinâmico [...] está apresentado no signo” (Santaella, 1992, p. 189). Em outras palavras, é o assunto do representamen. Essa fala demonstra o peso da propriedade icônico-indicial do signo, ou seja, o signo causou tanto impacto que o conteúdo – a reforma agrária – nem foi discutido, ou não apareceu expressamente, mas sim a forma – colocar o boné – foi a mola propulsora.

Os efeitos de sentido do signo não são esgotados, por isso não podem ser antecipados. Entretanto, os perigos sociais e políticos de tais efeitos sim. Através da investigação dos interpretantes dinâmicos, é notório o acirramento do ponto de vista de cada facção política, conforme segue a matéria:

O presidente da CNA, que declara ter 1 milhão de associados em todo o país, disse que o setor “produtivo” irá entregar aos três Poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) um documento que mostra “os perigos do agravamento dos conflitos no setor agrário”. Para Salvo, será “impossível impedir” que grupos ruralistas mais radicais façam uso de armas para defender suas propriedades. Segundo Salvo, Lula, ao receber o MST sem “cobrar o respeito ao Estado de Direito”, teve uma atitude que “talvez encoraje novas ações do movimento” (Maschio, 2003).

Como se vê, para a CNA, a atitude do presidente encoraja *novas ações do movimento*, um efeito de sentido que parece justificar a necessidade de os grupos ruralistas se armarem para defender suas terras.





Houve pronunciamento na Câmara dos Deputados desaprovando o ato do presidente, chegando a sugerir a derrubada do governo Lula, conforme matéria da Folha Online:

O líder do PFL na Câmara, deputado José Carlos Aleluia (BA), defendeu ontem a derrubada do governo, no discurso mais duro ontem na Casa sobre o fato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter colocado um boné do MST. “Sua excelência [Lula] jamais poderia ter colocado na cabeça o símbolo da desordem. Pode um presidente da República aceitar e demonstrar intimidade ao ponto de colocar um biscoito na boca de um líder do MST?”, disse (Bragon, 2003).

O boné do MST, como comentei anteriormente, representa a identidade do Movimento, portanto carrega toda a sua filosofia, seus princípios e objetivos e marca o posicionamento político de um grupo. Na correlação das forças políticas, há uma constante luta simbólica pelo “sentido” do Movimento. As forças divergentes buscam mantê-lo na marginalidade, ou seja, como *símbolo de desordem, grupo que quebra o Estado de Direito*, conforme indicado nas falas acima. Daí decorre a força do signo, porque não se trata de um boné qualquer nem tampouco de uma cabeça qualquer.

O editorial da Revista Época (Falcão Filho, 2003, p.18) revela bem essa questão quando diz: “[...] ao colocar o boné de um movimento que quer tomar propriedades à força, (Lula) deu respaldo a um grupo que não respeita a lei e que, ao iniciar uma onda de saques e ações tresloucadas, está a um passo da bandidagem comum” (grifos nossos). O editorial da Veja prossegue na mesma linha de pensamento:

*O MST viola as leis do país. Invade propriedade privada, depreda e saqueia, tudo em nome de uma bandeira social. Nessa situação, o presidente da República não deveria **emprestar o prestígio de seu cargo para chancelar** um grupo que se tornou conhecido pela contínua agressão às instituições do país e à legalidade (Liturgia..., 2003, p. 09, grifos nossos).*

O aspecto simbólico do signo é evidenciado nos dois textos destacados acima, que demonstram haver regras para a atuação do presidente, daí a crítica de que este não deve emprestar o prestígio de seu cargo para chancelar ou dar respaldo ao grupo em questão. Isso mostra a tentativa de se definir o significado do gesto do presidente da República que, no caso, é tido como inadequado. Em outras palavras, o gesto é submetido a um julgamento devido ao valor simbólico do cargo, isto é, ao valor de sua representação. [...] *Emprestar o prestígio de seu cargo para chancelar* [...] aponta para um referendo do presidente em relação ao MST, pois *emprestar* significa pôr à disposição, ceder temporariamente ao outro, o que revela que *ter prestígio* é reconhecido como sendo *do cargo* e, ao botar o boné do MST, ocorre uma estratégia simbólica que é reconhecer no outro um significado, ou seja, o MST como ator legítimo. O MST recebe um novo sentido geral, isto é, o símbolo de um ator político como qualquer outro ou a condição de interlocutor.





Isso explica o choque ou impacto do signo, já que a oposição o compreendeu como sendo contra o seu grupo, num momento em que o campo “fervia” com a tensão provocada pelo embate entre trabalhadores e proprietários. O signo sugere, portanto, um reconhecimento do interlocutor, um outro lugar de fala para este, ou seja, o MST tem sua força política reconhecida, valorizada e legitimada. É revelador o título do editorial da Carta Capital: *Espanto! O MST existe e tem peso* (Carta, 2003, p.18).

A defesa do ministro da Casa Civil, José Dirceu, da atitude de Lula focou precisamente a percepção da aparência do MST, confirmando o efeito semiótico do signo:

“Onde o presidente vai, ele tem colocado diferentes bonés de forças sociais. Não ajuda o Brasil querer estigmatizar o MST. É melhor ter um movimento legalizado, público, do que outras situações que encontramos em outros países, que saem dos marcos da legalidade e da democracia. A solução é a reforma agrária e não repressão”, disse Dirceu, em entrevista ao telejornal “Bom Dia Brasil”, da Rede Globo (Boné..., 2003).

O comentário de Franklin Martins, no Jornal Nacional, revela o efeito do signo para a oposição: “ao receber o MST em clima de festa, Lula escolheu um lado, e com isso trincou uma imagem do presidente negociador que conversa ao mesmo tempo com o povão e com a elite, e é capaz de promover o entendimento nacional”. Esse comentário reforça a expectativa de que o presidente agiria de forma dura com os integrantes do MST, o que não ocorreu, originando aí uma quebra na expectativa.

Assim, como lembra Franklin Martins, a atitude *trincou uma imagem do presidente negociador*, isto é, o efeito semiótico do signo trouxe também para Lula não só uma qualidade diferente daquela existente e que tinha sido prometida na campanha, de presidente moderado, negociador, e que até então parecia se manter; mas, sobretudo um significado diferente de seu papel oficial. Não é o objetivo deste artigo aqui de discutir se a oposição teve ou não razão, pois essa seria uma investigação para a ciência política. O que quero destacar é que o signo apresentou um outro conceito do Presidente Lula, porque o boné do MST na sua cabeça impulsionou outro olhar sobre ele. E esse outro sentido está ancorado na nova qualidade – dimensão icônica; na experiência concreta do fato – dimensão indicial; e na regra de interpretação – dimensão simbólica.

Nesse caso, o carisma, que é uma característica do presidente Lula, foi transportado para um outro sentido, atribuindo a ele um olhar diferente do de presidente que “conversa com todos”, que tem trânsito livre nos diversos setores sociais, que é “neutro”. O carisma aqui foi “particularizado” para um lado e, portanto, rechaçado por outro.

Conforme comentado acima, o presidente foi “desaprovado”. Proposição de derrubada do governo; requerimento para instalação de CPI das invasões de terras (para investigar o MST); rejeição de parte da bancada ruralista para marcar encontro com o presidente; estremecimento da base





aliada; aumento da cotação do dólar devido a ruídos políticos; enfim, uma série de fatos surgiram como efeito daquele ato do presidente.

É preciso registrar que, ao tomar posse, o presidente Lula gerou muita expectativa na população. Como figura carismática e líder popular, havia conseguido, até então, a “paciência” da população enquanto estruturava o governo no primeiro semestre.

Nesse contexto, o signo também revela a polaridade, a tensão entre as forças políticas para “puxar” o presidente para os seus respectivos lados. Por ser um governo novo, composto de correntes políticas heterogêneas, vivia-se ainda um período de arrumação, de uma certa indefinição e, nesse momento, entraram em ação as forças políticas pressionando o governo em direção aos seus interesses. A matéria da Veja (Secco, 2003, p.54) registra bem a tensão existente pelo significado do signo: “O governo joga no nosso time”, afirmou sobre o encontro João Pedro Stédile, o líder do MST. “Vamos ganhar de 5 a 0 do latifúndio”. A IstoÉ (Hollanda e Diniz, 2003, p.27) também registrou a declaração de Stédile: “goleada de 5 a 0 no latifúndio”.

Qual é o sentido dessa declaração? Uma tentativa de marcar a posição do presidente Lula a favor do MST, precisamente o apoio político de que o Movimento precisa para que seja efetivada a reforma agrária. É forte aqui a propriedade indicial do signo, pois, ao colocar o boné, faz um gesto de que apóia a luta pela reforma agrária. Para os ruralistas, ao direcionar as declarações para a ênfase na defesa armada de suas propriedades, situando-se no tipo energético de interpretante dinâmico, demonstra uma pressão para que o governo atenda o seu lado, isto é, reprima as ações do Movimento.

É a propriedade icônico-indicial que explica a significação do signo, devido a uma qualidade observada na imagem da cena, conforme comentei anteriormente que se pode “visualizá-la, sendo a essência simbólica acessada em decorrência daquela propriedade. Passo, a seguir, às considerações finais.

Considerações finais ou à procura do interpretante final

O signo gerou diversos interpretantes, devido, principalmente, a sua qualidade icônico-indicial. Não estou querendo dizer com isso que não há a presença da dimensão simbólica do signo. Esta, porém, é acessada através daquela propriedade primeira, porque o julgamento do comportamento do presidente no ato de colocar o boné se deve mais ao sentido geral, isto é, de ator social legal como os outros atores sociais existentes na sociedade brasileira. Houve, no caso, o reconhecimento do MST como interlocutor. A ordem icônica, como explica Andacht, remete a “pura imagen, algo que alimenta la imaginación colectiva” (2000, p. 2).





Sabe-se que faz parte do estilo pessoal do Presidente Lula colocar o boné das inúmeras entidades que recebe enquanto chefe de Estado. Desta vez, porém, o efeito semiótico desse signo icônico-indicial decorre de um “encontro” de símbolos: de Presidente da República, do símbolo “Lula” e do símbolo MST, sendo o ato presidencial submetido a um julgamento em decorrência da atribuição de um novo sentido a esses símbolos.

Numa estratégia simbólica, é como se o presidente tivesse oficializado a legitimidade do MST no campo político, resultando numa redefinição do MST. Deu um status político ao MST já que agora era alguém do governo com autoridade política, isto é, com uma carga de significação forte – nada menos que o Presidente da República – que recebeu os integrantes do MST, conferindo-lhe reconhecimento por parte do governo. E, naturalmente, isso gerou uma ebulição de interpretantes dinâmicos, revelando a disputa das correntes políticas divergentes.

Talvez seja ousado de minha parte dizer que o Movimento passou a ter um lugar que nunca tivera antes, tornando-se uma voz ativa reconhecida pelo governo, em decorrência do tratamento lúdico dado pelo Presidente da República. Foi um encontro em que a intimidade e cumplicidade com o governo foram a tônica, tendendo a quebrar o tabu de marginalidade do movimento, em que pese este “outro” lugar conferido ao MST. O signo demonstrou a disputa das forças por pressionar e trazer o presidente para seus respectivos lados.

Trata-se de um signo espetacular devido ao choque de expectativas para determinadas correntes políticas que não esperavam, ou não desejavam, que o presidente desse esse tratamento ao MST. É esse choque que faz com que o signo cresça. Por ser um movimento que normalmente aparece na imprensa como “marginal”, a cordialidade do governo incomodou tais correntes. Obviamente, se o MST não fosse tratado como movimento “marginal”, o signo não teria impacto nem tomado a proporção espetacular que tomou.

Assim, poderia dizer que o signo irrompeu contra a imagem frequentemente associada a “invasões”, “violência no campo” e “desordem”, de movimento ilegal e sem legitimidade. O impacto do signo está, portanto, no “diferente”, na atribuição de legitimidade, o que demonstra quão “marginal” tem sido a imagem do MST, já que tanto impacto causou.

Não cabe aqui fazer julgamento em torno da exploração do signo como espetáculo, pois, como pesquisadora, a mim cabe explicar o seu funcionamento semiótico. Faz parte da natureza do jornalismo captar signos que gerem impacto, pois esta é precisamente a característica mais essencial da notícia: a novidade que, em diálogo próprio do jargão profissional, aparece como uma pergunta: “qual é o gancho jornalístico da matéria?”.

A perspectiva semiótica proporciona um olhar apurado para a compreensão da significação, dos efeitos de sentido, da luta simbólica, em torno da referência, revelação e compreensão do real. A semiótica enfoca a geração de interpretantes, a potencialidade dos signos para serem descobertos, pois o seu significado é delimitado pelo seu objeto. Entendê-lo exige esforço para que a leitura seja o mais fiel ao sentido e funcionamento semiótico. Nas palavras de Ransdell:





En resumen, el término 'semiosis' debería ser siempre comprendido como refiriéndose a lo que el signo como tal hace, es decir, generar interpretantes de sí mismo y nunca entendido como refiriéndose a la operación ejecutada sobre un signo por una persona de tal forma que el signo ipso facto adquiriera un significado o interpretante (Ransdell, s/d, p.18).

Voltando a atenção para a declaração do presidente Lula na abertura deste artigo, destacada pela matéria da Folha Online, poderia ser uma resposta pertinente, após esta análise semiótica: “Sim, presidente, o senhor colocava o boné de todos os movimentos há pelo menos 20 anos *como* militante de esquerda que o senhor *foi*. Agora, o senhor *é* presidente. Então, antes de colocar o boné de alguma entidade, pense nas consequências políticas que podem surgir da sua atitude. Está preparado?” É interessante destacar o texto da matéria que segue logo após sua declaração, com um toque de ironia: *Ontem, porém, Lula não usou nenhum boné.*

É importante destacar que, na perspectiva semiótica, o próprio Lula é um signo. Por ter sido operário, lutador social e agora presidente, tornou-se um signo, e qualquer gesto que fizer ou atitude que tomar, além da motivação política, possui um poder de gerar sentido de modo autônomo.

Referências

- ANDACHT, F. 1996. La pasión de la insensatez: el orgullo gay. In: F. ANDACHT, *Paisaje de pasiones: pequeno tratado sobre las pasiones en Mesocracia*. Montevideo, Fin de siglo, p. 19-62.
- ANDACHT, F. 2000. Epílogo electoral (II): la irresistible vía icónica del carisma. *Relaciones*, 191.
- CARTA, M. 2003. Espanto: o MST existe e tem peso. A semana. 09 jul. 2003. *CartaCapital*, 9(248):18.
- BONÉ do MST abre polêmica entre Lula e oposição. *Folha Online*. São Paulo, 03 jul. 2003. Acessado em: 06 jul. 2004, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u50812.shtml>.
- BERGER, C. 1998. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre, UFRGS.
- BRAGON, R. Líder de oposição na Câmara diz que quer derrubar Lula por meio de CPI. *Folha Online*. São Paulo, 03 jul. 2003. Acessado em: 06 jul. 2004, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u50795.shtml>.
- FALCÃO FILHO, A. 2003. A celeuma de R\$7. Carta do editor. *Época*, 268:18.
- FREIRE, F. 2003. Em encontro amistoso, MST diz que Lula está com a “bola cheia”. *Folha Online*. São Paulo, 02 jul. 2003. Acessado em: 06 jul. 2004, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u50774.shtml>.
- HOLLANDA, E. e DINIZ, W. 2003. Bola dividida. *IstoÉ*, 1762:26-28.
- HOUAISS, A. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0, São Paulo, Objetiva.
- LITURGIA do cargo. Carta ao leitor. 09 jul. 2003. *Vêja*, 1810:09.
- LULA pede ao “amigo” MST que o julgue só no fim do governo. *Folha Online*. São Paulo, 22 nov. 2003. Acessado em: 06 jul. 2004, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/>





Paula Reis Melo

folha/brasil/ult96u55698.shtml.

MASCHIO, J. 2003. Para presidente da CNA, Lula teve atitude “servil” ao MST. *Folha Online*. São Paulo, 02 jul. 2003. Acessado em: 06 jul. 2004, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u50792.shtml>.

PEIRCE, C.S. 1999. *Semiótica*. 3ª ed., São Paulo, Perspectiva.

RANSDELL, J. s/d. La autosuficiencia del proceso de semiosis; los tres aspectos del interpretante. In: J. RANDELL, *The meaning of things*. (mimeo).

SANTAELLA, L. 1992. A semiose literária. In: L. SANTAELLA, *A assinatura das coisas*.

São Paulo, Imago, p. 185-201.

SECCO, A. 2003. O boné é apenas um detalhe. *Veja*, 1810:54-55.

